

Mariana Manhães

marianamanhaes.com

Rio de Janeiro – 2018

Dossiê **Realismo Especulativo** – 21.2



Sobretudo situações é o que se vê neste portfólio de Mariana Manhães. São situações limítrofes que, misteriosamente, solicitam agenciamentos sem direções seguras. Objetos, ou coisas, ou entes, simples e complexos; seres únicos e enigmáticos a desfilar e borrar certas fronteiras de nossa percepção. Ora acena-se, entre essas obras, ora recua-se, como se o que estivesse à vista também revelasse algo impossível de apreender. À mostra, um quê oculto, num instante de suspensão, mas que como ocultação também persevera, resguarda-se.

Se na história das artes visuais os objetos solicitam uma crescente presença física e evidência materialista essas obras de Manhães oferecem uma sutil e potente modulação dessa tradição, flertando com a escultura moderna, as instalações e os rasgos epistêmicos vindos dos *ready-made*. Eles não acenam para uma imaterialidade que perpassa o objeto para alcançar uma idéia ou outras formas de invisibilidades e espiritualidades da imagem; mas, diferentemente, figuram materialidades fugidias e mesmo inconcebíveis aos sujeitos humanos. Situam-se nos limites de uma metafísica materialista. Seus *objetos-situacionais* grifam um peculiar risco, e apontam para o que Quentin Meillassoux denominou de o “grande fora” (*grand dehors*), aquilo que nos escapa, como se fossem acontecimentos estéticos puros, que desafiam os sujeitos por se situarem no abismo caro aos objetos – um abismo desprovido de travessias possíveis, frente ao qual só se pode especular. Seriam, portanto, objetos que se instalam em ondas genuinamente metafísicas. Ou, num outro e interessante jogo de palavras, revelam-se instalações que recolocam os objetos e as questões caras à metafísica na esteira da “Ontologia Orientada aos Objetos”, como sintetizamos alguns dos conceitos desse campo.

Em *Memorabilia 1* (2004) vê-se uma maquinaria interna ao objeto que parece muito distante e desconectada de sua imagem para o mundo. O borrado jarro sobre a tela soa frágil, à beira da desapareição, mas lá está, como se perscrutasse sobre a efemeridade da sua forma de abertura ao mundo. Imagem e objeto, ali, ressurgem como espelhos internos, multiplicados, entre suas cascas e a caixinha-preta das suas engenhocas. Em *Thus* (2012), essa fronteira parece abalada e passa por uma notória aberração. Um antigo vaso é permeado por circuitos eletrônicos e tubos de PVC, passa-se à animação dos objetos, como se desejasse investigar sua possível, sua duvidosa mônada.

Em *Fissura (Blues de lata)*, 2012, o que se vê são anseios de contatos. Toques e simetrias, mas que se revelam impenetráveis, insuficientes. A obra *Em*(2015) parece responder de forma complementar às tantas impossibilidades apontadas nos objetos de Manhães. Há um invólucro aberto e dentro dele a imagem de uma planta. A abertura entre um objeto orgânico e seu fechamento, entre a sua reparição e dissimulação imagética. Pouco a pouco seus objetos passam a mesclar acontecimentos orgânicos e inorgânicos. Por alguns momentos, parecem mortos, mas respiram. Em outros, vivemos embora genuinamente artificiais. Tornam-se indiscerníveis. Um gesto, um talhar não-antropomórfico de avivar coisas tidas como mortas. De um lado, objetos metafísicos, como se tal assombro fosse possível – e se não for, torna-se um voo, genuinamente especulativo. De outro, uma metafísica dos objetos – uma situação que é também uma travessia, rumo a uma alteridade cósmica. Nesse viés, os *objetos-situações* de Manhães aproximam-se do que Katherine Behar chama como um objeto-orientado feminista (FOO); ou seja, uma concepção de objeto que valoriza o olhar para o exterior de dentro, que torna acessíveis o interior e o exterior, acolhedores, instaurando uma outra ética do cuidado, outra erótica e política dos objetos, agora distante da retidão que bem marcaria a Ontologia Orientada ao Objeto.

Não é por acaso que Manhães usa sacos plásticos de forma contínua, repetida. Eles surgem tanto em *À* (2017) como em *Mas* (2014) e traduzem esse tênue fio que une e separa o que, nós, humanos, chamamos como orgânico e inorgânico. Como se houvesse um respiro a insuflar os alvéolos de uma matéria morta, um estranho respiro que escapa à nossa compreensão. E o que se percebe, o que se afeta dessa metafísica dos outros ainda assim revela-se como fragmentário, fugaz, a escapar, na renitência de um outro ser, um ente inassimilável.

Por fim, *Os – dois jarros* (2014 – 2016) parece evocar as placentas de entes que reivindicam o toque, a dobra, a troca, o encostar-se e a duplicação. Como se dois seres sobrepostos possibilitassem um instante de metamorfose, uma forma de devir em direção a outras formas. Transformações singulares às coisas. O curioso, enfim, de aproximar as obras de Manhães ao paradigma do realismo especulativo é que elas não são ilustrativas dos conceitos e debates filosóficos que inspiram esse dossiê da *Revista ECO-Pós*. São inquietações primas, mas paralelas e que antes não esboçavam toque algum, como se nos mistérios que guiam as afinidades eletivas, nossas aproximações, nossos afastamentos, tão físicos, tão químicos, compartilhássemos apenas anseios estéticos, afetivos e conceituais comuns. São inquietações e riscos caros ao nosso tempo.

Pablo Gonçalves



Memorabilia 1

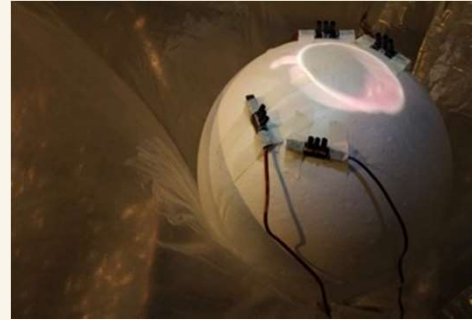
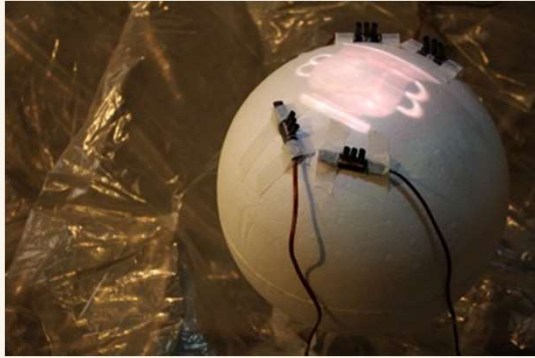
2004

Vídeo de animação de um vaso antigo da coleção da mãe da artista, monitor PB 5 polegadas, 1 DVD Player, alto-falante, madeira e vidro.

35 cm x 35 cm x 50 cm (L x H x P)

Coleção da artista.

Foto: Beto Felicio



Thus (Pearl Shaped
Vase)

2012

Vista da instalação na
ShangahART Gallery. Xangai,
China 2012.

Vídeo de animação de um vaso
antigo da coleção da artista,
miniprojetor, DVD Player,
circuitos eletrônicos, tubos de
PVC, isopor, alto-falantes,
ventoinhas elétricas, sacos
plásticos e outros materiais.
dimensões variáveis(aprox. 15 m2)

Fotos: *Mariana Manhães*





Fissura (Blues da Lata)

2012

Lambda Print.
Fotografia digital modificada.
48 cm x 72 cm (W x H)

Em (Planta)

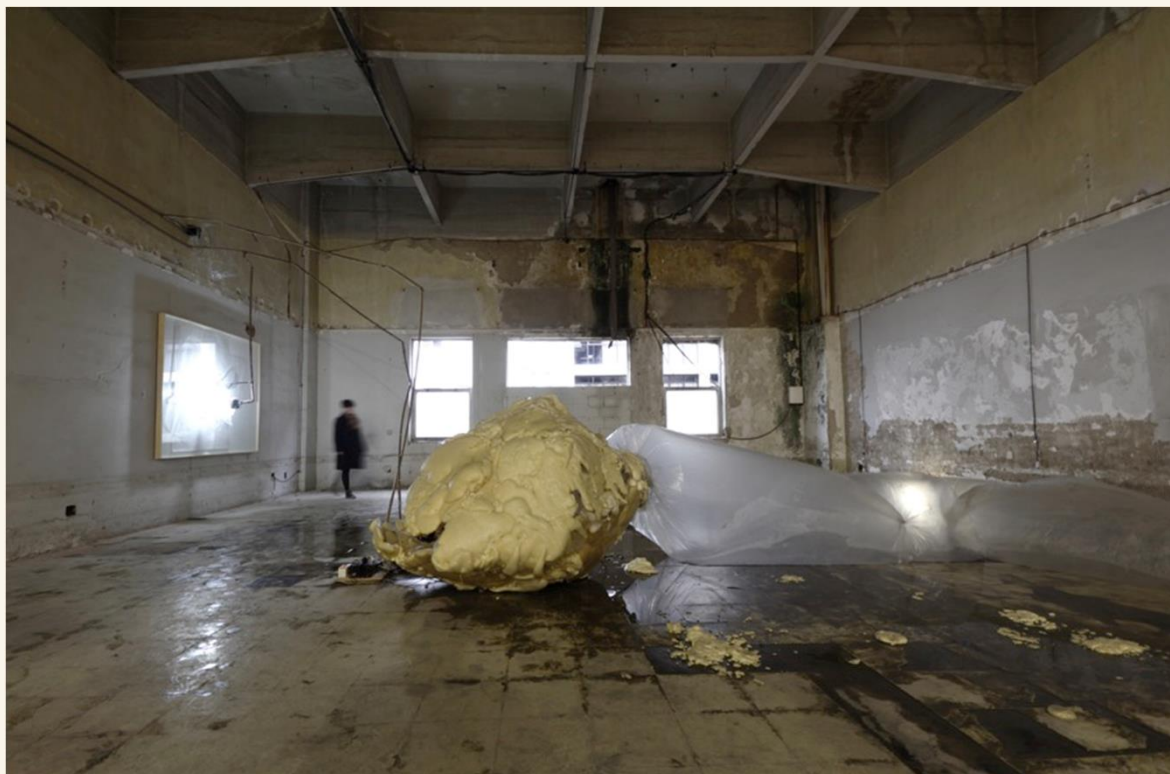
2015

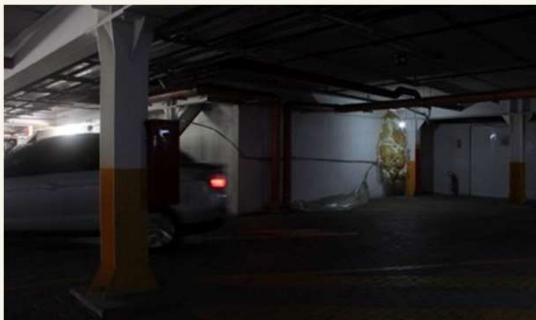
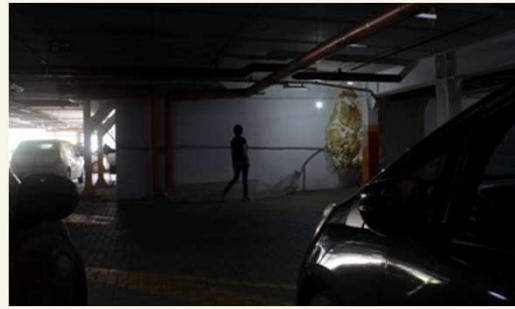
Vista da instalação na exposição Ocupação Mauá. Rio de Janeiro, 2015.

Vídeo de animação de uma planta da casa da artista, plantas que cresciam no local de exposição, desenho (Verbos sem Terminação #4, 2013), miniprojetor, DVD Player, circuitos eletrônicos, tubos de PVC, isopor, espuma expansível, ventoinhas elétricas, alto-falantes, sacos plásticos e outros materiais.

Aprox. 60 m2

Fotos: *Mariana Manhães*





À

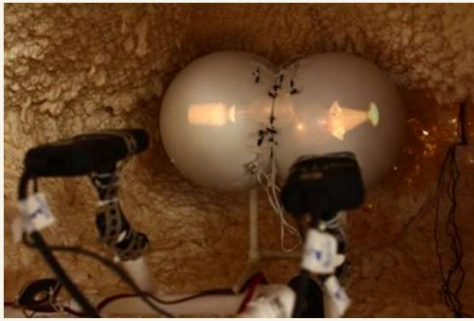
2017

Vista da instalação na exposição Marina
Monumental / estacionamento Marina da
Glória. Rio de Janeiro, 2017.

Som, amplificador, circuitos eletrônicos,
tubos de PVC, espuma expansível,
ventoinhas elétricas, sacos plásticos e
outros materiais.

Aprox. 40 m2

Fotos: *Mariana Manhães*



Mas (vasos de vidro branco)

2014

Vista da instalação na Bienal de

Vancouver, 2014.

Vídeos de animação de dois vaso antigos da coleção da artista, miniprojetor, media-players, circuitos eletrônicos, tubos de PVC, isopor, espuma expansível, ventoinhas elétricas, alto-falantes, sacos plásticos e outros materiais.

Aprox. 40 m2

Fotos: *Mariana Manhães*





OS (dois jarros)

2014-16

Vídeo de animação em loop.

Fotos: *Mariana Manhães*

Obs.: as fotos desse trabalho estão com título
"TwoJars".

Obs. 2: o link para o vídeo:

<https://youtube/eZ45KutmiO8>

